



Exposição Cine Goethe de Patrícia Francisco

ABERTURA

10 de outubro de 2002 às 19:00h

ENCERRAMENTO

31 de outubro de 2002

Galeria do Goethe

Segunda a sexta, 14:30 às 20:30h

Sábado, 10 às 12:30h

Projeção do filme "Paisagem no Cinema"

10, 14, 16, 21 e 23.10

Audatório do Goethe

17 às 18:00h

O GOETHE-INSTITUT PORTO ALEGRE promoveu o III CONCURSO DE ARTES PLÁSTICAS CONTEMPORÂNEAS, edição 2002, visando incentivar, difundir e integrar as manifestações de artistas plásticos contemporâneos de nosso Estado, dando continuidade ao projeto iniciado em 1999/2000.

A comissão Julgadora das três edições do Concurso de Artes Plásticas do Goethe-Institut Porto Alegre caracteriza-se por ser composta por profissionais de renome nacional e de diferentes áreas do mundo das artes, artistas, críticos, acadêmicos, assim como artistas alemães. Na primeira edição contamos com a colaboração de Agnaldo Farias, Icleia Cattani, Karin Lambrecht e Vera Chaves Barcellos. Na segunda edição participaram Elida Tessler, Jailton Moreira, Karin Lambrecht, Leonor Amarante e o artista alemão Rolf Wicker. Nesta edição, a terceira, os artistas ALEXANDRE MOREIRA, MARINA CAMARGO, PATRÍCIA FRANCISCO E ROSA MARIA BLANCA foram selecionados por Karin Lambrecht, Maria Helena Bernardes, Mônica Zielinsky e pelo artista alemão Axel Lieber.

Os trabalhos selecionados caracterizam-se por revelarem:

- Pesquisa e continuidade nas propostas do candidato;
- Aspectos contemporâneos da arte, trazendo a experiência da vida dos tempos atuais (provocando efeitos como a força da imagem, o descontinuo e o inacabado, a desestabilização do olhar etc.);
- Preocupações com questões artísticas do nosso tempo (ênfase nos processos artísticos, o lugar da arte, a matéria da arte, etc.);
- Ousadia nas propostas;
- Jogo com as regras das convenções artísticas e estéticas.

APOIO:
@rtewebbrasil
Dipa Filmes
Midiacom

Agradecimento Especial

À Maria Helena Bernardes pelos encontros, conversas e caminhadas por Porto Alegre.

Ao meu pai, Nelson, pelas fotografias e projeções de suas viagens ao exterior.

E a todos os Diretores de cinema dos quais me apropriei das cenas de seus filmes.



GOETHE INSTITUT
INTER NATIONES
PORTO ALEGRE

INSTITUTO CULTURAL BRASILEIRO-ALEMÃO

Rua 24 de Outubro, 112
90510-000 - Porto Alegre/RS
Tel.: (0055-51) 3222.7832
(0055-51) 3346.6754
Fax: (0055-51) 3222.3354
e-mail: goethe@pampa.tche.br
goethe@portoweb.com.br
<http://www.goethe.de/br/pot>

2002
TERCEIRO CONCURSO DE ARTES PLÁSTICAS
DO GOETHE-INSTITUT PORTO ALEGRE



Patrícia Francisco



Graduada em Artes Plásticas – gravura – pelo Instituto de Artes da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Desenvolveu trabalhos e projetos no TORREÃO (Espaço de Arte Contemporânea) com orientação de Jailton Moreira entre 1998 à 2002.

Desde 1998 participa de exposições coletivas: 1º Prêmio Jovem Revelação de Artes Plásticas de Americana, MAC de Americana, São Paulo, 1998. II Salão de Arte Cidade de Porto Alegre, Usina do Gasômetro, Porto Alegre, 2000. Fluxo Visível com curadoria de Mário Ramiro, Galeria de Arte do Dmae, Porto Alegre, 2001. Pela Frente Pelo Verso ou Em Lugar Nenhum com curadoria de Flávio Gonçalves, Pinacoteca do IA da UFRGS, Porto Alegre, 2002. Laranja(s), Galeria Iberê Camargo e Usina do Gasômetro, Porto Alegre, 2002. III Salão de Arte Cidade de Porto Alegre, Usina do Gasômetro, Porto Alegre, 2002. Exposição Formandos 2001/2 Ufrgs Artes Plásticas, Pinacoteca do IA da Ufrgs, Porto Alegre, 2002. /1, atelier aberto ao público, Porto Alegre, 2002. Tem realizado exposições individuais: Negro, intervenção na sala 55 do IA da Ufrgs, Porto Alegre, 1999. Águas de Março, Centro Municipal de Cultura, Porto Alegre, 2000. Cine Goethe, Auditório e Galeria do Goethe-Institut, Porto Alegre, 2002.

Em 2000, recebeu prêmio no II Salão de Arte Cidade de Porto Alegre pelo Cinema Para 2 Pessoas e, em 2001, foi mapeada pelo programa Itaú Cultural Rumos Visuais.

Desde 2000, vem desenvolvendo estudos e trabalhando as possíveis relações entre arte e cinema, com especial ênfase na montagem de filmes como forma expressiva e artística. Assim, tem participado de mostras de cinema e vídeo em Recife, Porto Alegre e Curitiba, dentre elas: Mostra de Cinema e Vídeo do Salão Pernambuco de Arte Contemporânea, Projeto Segunda Animada e Vide o Vídeo.

Vive e trabalha em Porto Alegre.

Consciência em trânsito

Dirigimo-nos à exposição de Patrícia Francisco tendo como endereço a Galeria de Artes do Instituto Goethe. Ao chegar lá, deparamo-nos não com apenas uma situação, mas duas: além de ocupar a galeria, a artista também faz uso do Auditório do Instituto Goethe como sala de projeção para a exibição de um filme produzido por ela.

Em um primeiro momento, o trabalho de Patrícia Francisco nos atinge como homenagem apaixonada da jovem artista ao cinema. Logo, porém, percebemos que não se trata de um tributo prestado de fora, mas de um trabalho feito tanto de arte quanto de cinema. Para chegar ao resultado que ela nos apresenta agora, Patrícia Francisco se utiliza de repertórios colhidos em suas experiências recentes como uma artista plástica que expandiu seu campo de ação em direção ao cinema, atuando aí como pesquisadora, colaboradora e, finalmente, como realizadora de filmes. Lembremo-nos perfeitamente de seu temor diante da possibilidade de um afastamento das artes plásticas frente ao chamamento irresistível do cinema. Que bom que ela não tenha resistido! Passada a dúvida e realizado o mergulho necessário, temos à nossa frente o trabalho de uma artista promissora.

Patrícia Francisco se coloca entre os jovens artistas que se manifestam com grande liberdade, desfrutando da desarticulação de categorias anteriormente tidas como específicas de cada uma das artes. Seu trabalho transita naturalmente em um campo muito aberto da produção contemporânea, tão aberto que resulta pouco nítido em razão da flexibilização operada na arte a partir dos anos '60 sobre toda a sorte de limites e categorias. Frente a este trabalho, bem como a uma parte expressiva da produção atual, temos a sensação de transitar em um campo largamente expandido.

Hoje, a sugestão de uma operação artística em "campo expandido" impregna-se de outro sentido que o apontado pela crítica e historiadora Rosalind Krauss¹ ao referir-se ao alargamento dos procedimentos da escultura no pós-modernismo. Naquele momento, o "campo expandido" detectava a libertação da escultura de uma vocação objetual, projetando-a para além dos limites do suporte, da pureza das linguagens e do estatuto da percepção cartesiana. T tamanha ruptura e permeabilidade de fronteiras levou à transposição não só de limites internos das artes plásticas, mas à possibilidade de ações interdisciplinares entre as diversas artes, o que motivou parte da produção artística e teórica durante a década de '90. A prática interdisciplinar quebrou limites entre os ramos do conhecimento tornando-os permeáveis a cruzamentos. Entretanto, a possibilidade de realizar tais cruzamentos só se dá em razão do reconhecimento de compartimentos abertos, permeáveis e não mais reflexivos, mas, ainda assim, compartimentos. Já havendo transcendido a polarização dialética das ações desenvolvidas nos anos '70 e escapado ao reduto interdisciplinar dos '90, parece-me que o terreno em que pisamos hoje, e por onde nos aproximamos de uma significativa parte da nova produção, é uma situação dilatada para além da possibilidade de cruzamentos, um estado de trânsito e transfiguração permanente das formas de pensamento em arte².

Esta diferença sutil, mas de suma importância, entre o que acabamos de ser e aquilo em que gradualmente nos transformamos, talvez repouse na natureza expandida destes novos trânsitos. Desconsiderando os limites disciplinares, estes trânsitos atestam a mobilidade da arte por dentro da vida, transbordando a idéia de cruzamentos entre arte e vida, ou entre cinema e arte, mas ela própria, arte, se constituindo de vida e de cinema, e de outras inúmeras, imprevisíveis consequências da reflexão humana. Não são, portanto, simplesmente cruzamentos, pois não há possibilidade de retorno ao ponto anterior para dele se partir, refeito e puro, rumo a um novo cruzamento. São operações profundas, de perdas e ganhos constantes, que transformam a todo o momento a natureza da arte, sua própria definição, impulsionando-a a seguir adiante, transfigurada naquilo que ela ainda não era.

Não fosse assim, por que outra razão se torna a cada dia mais difícil definir o que é arte? Por que é praticamente impossível precisar do que consistem as artes visuais hoje?

Encerro citando um artista que Patrícia Francisco admira, um grande artista brasileiro a quem todos devemos muito. Em recente debate público, emocionado diante de uma querela sobre a função social da disciplina arte e dos respectivos deveres do artista-cidadão-especialista, Paulo Bruscky desabafou: "Vocês não poderiam compreender o que é amadurecer e chegar a este grau de consciência, depois de muitos anos de trabalho. É muita consciência. É muita arte e é tanto trabalho que tudo vira arte. E é só arte e já não é mais arte. Não é mais arte: é só consciência, meu amigo. É só consciência, então, já não é nada. É só isso".

Maria Helena Bernardes, artista plástica.

1. The Originality of the Avant-Garde and Other Modernist Myths. Cambridge: MIT Press, Sculpture in the Expanded Field, p. 276-291, 1985.

2. Quem me chamou a atenção inicialmente para a atual superação da interdisciplinaridade foi meu marido, o músico Fernando Mattos, a propósito de sua percepção do trabalho de Patrícia Francisco.